

Estratégias de tradução para intertextualidades em literatura infantojuvenil

Adriana Maximino dos Santos e Manuela Acássia Accácio

Resumo: *A intertextualidade é um recurso estilístico presente em diversos domínios discursivos, principalmente nos literários, conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007), e que consiste na inserção de um texto dentro de outro. Por ser parte de "uma memória social de uma coletividade ou da memória discursiva" (Ibid., p. 17), ela constitui um elemento cultural. Sua tradução demanda não apenas estratégias tradutórias, mas decisões de outros agentes responsáveis pela acomodação do texto traduzido na cultura-alvo, bem como aspectos legais e sociais. Tratando-se de literatura infantojuvenil, soma-se a esta problemática as limitações do seu público, a criança e o adolescente, os quais ainda estão em formação. Este estudo objetiva, com base na tipologia proposta por Osimo (2004), continuar a discussão iniciada por Santos (2009) sobre estratégias de tradução de intertextualidade. Dessa forma, pretende-se verificar quais procedimentos estão presentes em uma obra traduzida de literatura infantojuvenil alemã. Os resultados demonstraram que as estratégias mais usadas no objeto de estudo tenderam à omissão de informações adicionais e à utilização apenas do texto-fonte como referência para a tradução e não o pré-texto ou intertextos traduzidos no Brasil. Assim, se priorizou mais a proximidade semântica com o texto-fonte do que com o valor da remissão intertextual na tradução.*

Palavras-chave: *intertextualidade; tradução; estratégias de tradução; tradução de literatura infantojuvenil.*

Introdução

"o texto é um tecido de citações, soldas dos mil focos da cultura"
(BARTHES, 2004, p. 4).

O texto, conforme a epígrafe, é formado de recortes de vários textos. Observamos esta ideia na visão de Bakhtin (1992, p. 405), quando cita que "a palavra do outro" (Ibid.) se transforma dialogicamente para tornar-se "palavra pessoal-alheia" (Ibid.) com a ajuda de outras "palavras do outro" (Ibid.), convertendo-se depois em "palavra pessoal" (Ibid.). Isso demonstra que emprestamos palavras já ditas por outros para nos expressarmos, associando-lhes mais palavras e conferindo-lhes novos valores.

À medida que se inserem em frases e textos, as palavras e excertos de textos recebem significações moldadas ao contexto, embora possam ainda dialogar com textos dos quais se originaram. Eles constituem elos para outros textos e para que o processo comunicativo se realize é necessária a sua compreensão.

Nesse sentido, podemos nos referir à intertextualidade como um critério de textualidade, conforme Beaugrande e Dressler (1981), no âmbito da linguística textual. Trata-se aqui de um item indispensável para a efetivação da comunicação, pois está ligada à produção e à recepção de textos.

A intertextualidade pode ser estudada por diferentes perspectivas, além de como um aspecto constitutivo do texto. Anterior aos critérios de textualidade de Beaugrande e Dressler (1981), o conceito de **intertextualidade** foi introduzido, com base no dialogismo de Bakhtin, por Julia Kristeva em 1969, e trabalhado posteriormente por Gérard Genette em sua obra *Palimpsestes* de 1982. Pode ser definida como, conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007), o evento, no qual um texto ou parte dele se insere dentro de outro. É possível encontrarmos os intertextos expressos por meio de referências e citações, clichês, alusões literárias, autocitações, convencionalidades, provérbios, e meditações (HATIM; MASON, 1990).

Neste estudo, pretendemos abordar a intertextualidade por outro viés, o da tradução, especificamente, de **literatura infantojuvenil** (LIJ). Trataremos a intertextualidade como um recurso estilístico, no qual o autor tece sua narrativa, e como "[...] uma estratégia precisa graças à qual

o autor faz alusões *não explícitas* a obras precedentes, aceitando uma dupla leitura" (ECO, 2007, p. 251 - grifo do autor). Não podemos deixar de acrescentar que o autor também faz menção a outros textos de modo explícito, ou seja, informando sua origem. É isso para a tradução não é de forma alguma menos problemático, visto que os intertextos explícitos podem pertencer apenas a uma única cultura.

O fato de que para compreender uma remissão intertextual é fundamental que o leitor compartilhe ou tenha acesso a um universo literário semelhante ao do autor, isto é, que haja um ponto de congruência entre ambos em relação a esta remissão, levanta as seguintes questões: O que ocorreria se as competências linguísticas, literárias e culturais do leitor fossem diferentes ou ainda estivessem em processo de formação, como no caso da criança e do adolescente? Quais estratégias poderiam ser utilizadas na tradução dos intertextos dos livros de literatura infantojuvenil?

Nesse caso, o tradutor se depara com uma gama de possibilidades em procedimentos tradutórios, e precisa discernir o mais apropriado para o seu propósito e para o seu leitor. Em se tratando de livros para o público infantil e juvenil, esta tarefa é acrescida e delineada, todavia, por diferentes fatores: por aqueles que solicitaram a tradução (NORD, 1997), pelo gênero textual (FERNANDES, 2004), pelo sistema literário (SHAVIT, 1980) e pelos conceitos de criança e infância (OITTINEN, 2000) que o tradutor e todos os envolvidos na produção do livro detêm.

Este estudo pretende tratar destas questões, relatar os resultados e ampliar a discussão iniciada na dissertação de mestrado *Intertextualidades em Tradução: no romance infanto-juvenil Tintenherz* (SANTOS, 2009). Objetivamos assim contribuir com as pesquisas acadêmicas voltadas para LIJ, pois há uma discrepância no que concerne ao que se produz de LIJ e ao que se investiga sobre ela (ACCÁCIO, 2010).

Remissões intertextuais em literatura infantojuvenil

Citada como uma tendência da LIJ contemporânea alemã (KÜMMERLING-MEIBAUER, 2007), e um dos "ecos da pós-modernidade" (SANTOS, 1992, p. 72) dos livros infantis brasileiros, a intertextualidade perpassa diversos gêneros discursivos e tipos textuais e permeia as mais variadas obras artísticas e literárias.

Entretanto, o uso de remissões intertextuais nos livros de LIJ não é um fenômeno recente. Os livros da série *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de

Monteiro Lobato, por exemplo, hospedavam inúmeras personagens de clássicos da literatura mundial e do folclore brasileiro, as quais compartilhavam das aventuras da turma do Sítio. As estratégias de Lobato para recepcionar estas remissões eram geralmente compostas de explicações, por meio de contações da Dona Benta ou do Visconde de Sabugosa, como também dos outros moradores. Mas não eram apenas as personagens que surgiam de outros livros, muitos enredos eram revividos e recriados pelas criaturas do Sítio, e claro, adaptados à cor local, ou seja, à vida interiorana do Brasil.

Era dessa forma que Lobato introduzia, através de uma intertextualidade de múltiplas faces, o leitor de LIJ à literatura e história mundial e ao folclore brasileiro. Naturalmente, as funções desta intertextualidade latente motivaram os procedimentos textuais de Lobato realizados de maneira que o leitor pudesse entender as remissões intertextuais. Mas a preocupação com a compreensão do leitor e com sua competência leitora e enciclopédica, certamente, definia a melhor forma de aplicá-las. É importante ressaltar que o interesse de Lobato em aculturar as crianças direcionava a escolha não somente dos intertextos, mas também as suas estratégias de aplicação na narrativa.

Isso demonstra que os estudos de LIJ não podem se pautar apenas nos aspectos textuais, mas devem levar em conta os fatores que circundam a produção do livro de LIJ, como pedagógicos, institucionais e mercadológicos. Recortamos neste estudo a intertextualidade para investigar através dela também os fatores que influenciam o produto do processo tradutório, ou seja, a tradução.

No caso da intertextualidade, a questão da competência do leitor, e, por conseguinte, do tradutor, fica evidente. O leitor e tradutor precisariam obter um conhecimento aprofundado do texto, bem como estar atentos às possíveis "piscadelas" (ECO, p. 252) do autor para o leitor. E este poderia ser classificado em dois grupos:

- (i) o leitor ingênuo, que não identifica a citação, acompanha do mesmo modo o desenrolar da história e do enredo como se aquilo que lhe está sendo contado fosse novo e inesperado (e, portanto, ao ler que um personagem transpassa uma tapeçaria dizendo *um rato!*, mesmo sem identificar a remissão shakespeariana ele pode gozar de uma situação dramática e excepcional); (ii) o leitor culto e competente identifica a remissão, sentindo-a como citação maliciosa (ECO, 2007, p. 251 - grifo do autor).

Tratando-se de LIJ, esta distinção entre leitores parece ser fundamental, principalmente quando concebemos que muitos livros de LIJ possuem duplo leitor (SHAVIT, 1980). O autor, consciente de que sua obra será lida pelo público adulto (como autoridade e muitas vezes como leitor), infantil e juvenil, realiza um jogo de ida e volta entre os supostos mundos. Disso decorre que o autor pode dialogar com o leitor ingênuo, pressupostamente, o infantojuvenil, e o culto representado pelo adulto. Isso, entretanto, não quer dizer que o adulto terá sempre a competência para entender a "ironia intertextual" (ECO, 2007, p. 252) do autor.

É relevante destacar que uma remissão intertextual se compõe de um processo, no qual um signo viaja de um sistema ao outro, e para se tornar uma forma de comunicação efetiva precisa ser reconhecido socialmente (HATIM; MASON, 1990). Neste percurso da viagem, os signos ganham nova significação na medida em que lhes são atribuídos valores (Ibid.). A intertextualidade, portanto, não está no intertexto em si, mas nos valores provenientes do ambiente, no qual os signos estão sendo acomodados (Ibid.), e na capacidade do leitor compreendê-la. Logo, podemos inferir que uma citação traduzida pode adquirir uma nova significação dentro de um contexto-alvo, diferente daquela oriunda de sua fonte e ser interpretada diferentemente do qual se pretendia.

A partir do exposto, vemos que a intertextualidade não deveria "[...] ser entendida como uma inclusão de referência ocasional de outro texto"¹ (HATIM; MASON, 1990, p. 124 - nossa tradução), pois é provável que exista para atender uma determinada função no texto. Conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007), ela pode sugerir credibilidade, contradição, humor, ironia, dúvida, além de realizar uma descrição mais precisa, apresentar ao leitor outras obras e levar a discussão de conceitos inseridos nos intertextos.

Tratando-se de LIJ, o autor utiliza muitas vezes procedimentos para facilitar o entendimento dos intertextos devido ao conceito de criança que o autor traz e à suposta limitação de compreensão leitora de seu público. Desta forma, além de indicar a presença do intertexto, as estratégias de intertextualidade do autor podem facilitar a acomodação do intertexto na reescritura da obra na cultura-alvo, como ainda indicar possibilidades de escolhas tradutórias.

¹ "A text is not merely an amalgamation of bits and pieces culled from other texts. Nor should intertextuality be understood as the mere inclusion of the occasional reference to another text".

Por exemplo, Jan Jaf em sua obra *O Vampiro que descobriu o Brasil* (2009) insere notas nas laterais da página com explicações sobre o intertexto, como se fossem *links*. André Neves na obra *A caligrafia de Dona Sofia* (2007) entrelaça vários poemas ao enredo citando seus autores. Já na obra traduzida *O Ladrão de Raios*, Rick Riordan (2005) inclui a mitologia grega em sua narrativa por meio de grifos, mas sem recursos de esclarecimento sobre os intertextos.

Por outro lado, nem sempre os intertextos aparecem explicitamente na narrativa. É preciso, algumas vezes, um olhar mais investigativo para fazer emergir as remissões intertextuais implícitas, ou seja, aquelas que não informam a sua origem e não estão marcadas. Osimo (2004) elenca algumas possibilidades de reconhecimento das remissões intertextuais implícitas: construções lexicais, sintáticas e estilísticas diferentes do texto corrente e a presença de palavras que parecem estranhas ao co-texto. Além disso, segundo o autor, para a identificação de sinais intertextuais na tradução, o tradutor precisa, além do conhecimento da língua, conhecer também o sistema literário e a cultura-fonte, assim como usar ferramentas como a internet.

Outra forma de identificar remissões intertextuais seria se pautar em conceitos de tipos intertextuais, como fizeram Koch, Bentes e Cavalcante (2007) com base em Genette. Segundo as autoras, poderia se classificar a intertextualidade como *stricto sensu*: a temática, a estilística, a explícita, a implícita, a intergenérica e a tipológica; ou em *lato sensu*: a paratextualidade, a architextualidade e a metatextualidade. É importante lembrar, todavia, que os tipos intertextuais podem ocorrer concomitantemente devido à configuração híbrida dos textos.

É possível afirmar, de acordo com Hatim e Mason (1990), que o tradutor, a partir do reconhecimento dos sinais intertextuais, passaria a procurar pelo texto do qual foi extraído o recorte ou o sinal intertextual identificado. Depois desta fase, o tradutor precisaria ainda estabelecer o nível de relacionamento entre o pré-texto e o elemento intertextual no texto que está sendo traduzido. Para isso, ele deveria conhecer a função e o sentido que o intertexto assume no texto, voltando-se sempre para o pré-texto.

Por pertencer à "memória social" (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 17), e, por conseguinte, ao sistema cultural, o intertexto representa um desafio para a tradução, uma vez que abrange processos desde o reconhecimento do intertexto no texto até a reconstrução do sentido. Disso resulta que a tradução de intertextualidade pode causar distor-

ções, e também uma perda parcial ou total da mensagem, principalmente se o leitor não for considerado. Assim, uma tradução apenas com a substituição de item por item não resgataria o sentido e nem faria o elo intertextual com o pré-texto, pois esse tipo de tradução não faria o leitor ativar todo o sistema de conhecimentos e crenças que subjazem ao texto (HATIM; MASON, 1990).

Com efeito, a tradução de intertextualidade nas obras de LIJ demanda estratégias, as quais são delineadas e delimitadas pelo gênero textual, pelo público leitor e pelos agentes de produção literária. Interessa indicar e discutir, portanto, alguns dos possíveis procedimentos para a acomodação dos intertextos na reescritura do texto na cultura-alvo.

Estratégias de tradução de intertextualidade

De acordo com Chesterman (1997), as estratégias de tradução constituiriam ferramentas para acomodar o texto dentro das normas correntes de tradução. Nesse sentido, o estudo de estratégias de tradução poderia descrever as escolhas tradutórias em relação a um fenômeno, ou a um tipo de texto. Por outro lado, conforme o autor, o estudo seria apenas o primeiro passo para se investigar a motivação de cada uma delas.

Visto que o tradutor escolhe as estratégias para adequar o texto às normas ou aos padrões literários de sua cultura, "a tradução é, portanto, uma teoria: a teoria do tradutor, apresentada como solução de tentativa para uma questão inicial de como traduzir o texto-fonte"² (CHESTERMAN, 1997, p. 117 - nossa tradução). Por exemplo, no caso do Brasil, de acordo com Fernandes (2004), é possível haver uma tendência de seguir os padrões tradutórios oriundos de uma tradição lobatiana de tradução. Nesse sentido, uma investigação sobre estratégias tradutórias contribuiria para descrever algumas das normas relacionadas à tradução na cultura-alvo.

No que concerne à tradução de intertexto, há basicamente dois tipos de estratégias, segundo Osimo (2004): o primeiro se refere à seleção do texto-fonte (quanto à origem) e o segundo tange aos procedimentos tradutórios para manipulação textual (quanto ao conteúdo). Ambas deveriam estar fundamentadas no grau de fama do pré-texto e na pressuposição de reconhecimento dela pelo leitor, como o autor cita.

² "A translation is therefore a theory: the translator's theory, posed as a tentative solution to the initial question of how to translate the source text".

Entretanto, devemos lembrar que os objetivos da tradução, a projeção imaginária de criança dos produtores literários (AZENHA, 2005) e suas orientações representam um fator essencial na definição das estratégias tradutórias. A definição dos objetivos da tradução geralmente não é competência do tradutor, mas do cliente que solicita a tradução. Podemos dizer, assim, que para a tradução de intertextos em obras de LIJ, a negociação é necessária e antecede o ato tradutório, seja esta entre todos os produtores do livro (AZENHA, 2005) ou entre o tradutor e a matéria literária e linguística da obra (ECO, 2007).

Em outras palavras, na tradução de intertexto, o tradutor precisa identificar o intertexto, conhecer as orientações do cliente-editora para os procedimentos com intertextos e estar ciente das normas prevalentes no sistema literário vigente e a partir disso selecionar as estratégias para manipular o intertexto dentro do texto-alvo.

Para a exemplificação das estratégias, utilizamos excertos da obra *Tintenherz* (2003), de Cornelia Funke, o primeiro da trilogia, e de sua tradução do alemão para o português por Sonali Bertuol, intitulado *Coração de Tinta* (2006). O enredo envolve o conflito entre um restaurador de livros, Mo, e sua família, e as personagens de um livro chamado "Coração de Tinta". Mo tem o poder involuntário de fazer sair de obras pessoas e objetos devido à competência e eloquência de sua leitura. Mo, sua filha Meggie e a tia Elinor, apaixonados por obras literárias, realizam analogias das situações da vida com eventos sucedidos em livros, citando-os. Além disso, há uma constante aparição de outras personagens, como a Fada Sininho e o Soldadinho de Chumbo.

Com base na abordagem de Osimo (2004) e Santos (2009) apresentamos um quadro de algumas situações possíveis para a tradução de intertexto, às quais acrescentamos ainda um tipo mencionado por Eco (2007) e outra resultante deste estudo. Adicionamos igualmente a enumeração de identificação a fim de tornar as classificações mais claras. Dividimos também as estratégias em relação às manipulações motivadas pela origem do intertexto e pelo seu conteúdo.

Quanto à origem

A - Tradução a partir do pré-texto: se não houver uma citação traduzida no texto-fonte, o tradutor poderia se orientar pela obra de origem do intertexto, ou seja, o pré-texto. No caso de *Tintenherz*, Funke

(2003) apresenta uma citação em alemão extraída da obra de Shakespeare.

Wie es so schön bei Shakespeare heißt: Jeder spielt seine Rolle, und meine ist eine traurig (FUNKE, 2003, p. 283).

Como disse Shakespeare de forma tão bonita: "Cada um desempenha o seu papel, e o meu é triste" (FUNKE, 2003, p. 229).

De acordo com o exposto, ao realizar a tradução para o português, o tradutor poderia consultar a obra de Shakespeare para a manipulação textual, e posteriormente citá-la como referência. A opção de tradução em *Coração de Tinta* foi traduzir a partir do intertexto alemão, ou seja, *Tintenherz*, sem usar o pré-texto em língua inglesa.

B - Tradução a partir do intertexto, acrescida da terminologia *service translation*³ no rodapé: ocorre quando o tradutor traduz a partir do intertexto, isto é, ele não recorre ao pré-texto para traduzir e usa o próprio texto-fonte. Aqui ele deveria acrescentar o termo *service translation* no rodapé de acordo com Osimo (2004). Por exemplo, na tradução das epígrafes em *Coração de Tinta*, poderia, conforme esta estratégia, se acrescentar o termo *service translation*, já que não houve base em outra fonte, senão no próprio livro traduzido. Entretanto, esta estratégia não foi utilizada nenhuma vez.

C - Tradução a partir do intertexto sem a terminologia *service translation* no rodapé (SANTOS, 2009): acrescentamos este último item por entendermos que é possível que o tradutor traduza apenas a partir do intertexto, sem incluir a terminologia indicada por Osimo (2004). Este item não corresponde ao padrão ISO 2384, sobre o qual o autor se fundamenta. Daí a provável razão de não ser citado pelo autor. Esta estratégia foi a mais utilizada na tradução do livro *Tintenherz*.

Quanto ao conteúdo

D - Adição de recurso metatextual: ocorre quando o tradutor acrescenta nota de rodapé, sobretudo quando o intertexto for implícito, para indicar ao leitor a sua presença. Tomemos o exemplo de *O Médico e o Monstro* (título em inglês: *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*),

³ Optamos por não traduzir *service translation*.

do escocês Robert Louis Stevenson publicado em 1886. No trecho citado abaixo, Meggie vê o estranho no seu pátio e vai acordar Mo para informá-lo. O pai, sabendo que Meggie lia toda a noite fez uma brincadeira mencionando o livro de Stevenson, posto que ele trata de suspense e ao mesmo tempo de horror. A função da referência intertextual era, portanto, aludir a algo que tivesse provocado medo em Meggie.

Mo legte das Buch weg. „Was hast du vorm Schlaf gelesen? Dr. Jekyll und Mr. Hyde? (FUNKE, 2003, p. 11).

Mo pôs o livro do lado. - O que você leu antes de dormir? O médico e o monstro? (FUNKE, 2006, p. 13).

Não há nenhuma nota de rodapé no livro traduzido, ou qualquer outro recurso para ou metatextual com a finalidade de esclarecer sobre os intertextos. No caso do exemplo citado, espera-se que o leitor possa apreender a informação pelo contexto e pelos campos semânticos fornecidos, principalmente, pela palavra monstro. O leitor conseguiria, assim, inferir que tal obra deve conter algo de assustador.

E - Omissão de informação adicional: neste caso, o tradutor espera que o leitor reconheça a menção a outro texto sem nenhum auxílio, ou seja, sem o acréscimo de outras informações. Esta estratégia é a mais presente na manipulação de intertextos na tradução brasileira de *Tintenherz*. Tanto para o intertexto explícito (citações e referências), como para o implícito (alusões literárias), não foram acrescentadas informações adicionais que pudessem ajudar o leitor a identificar o pré-texto.

F - Introdução de informações e modificações sem aviso ao leitor: outra possibilidade constituiria na inserção de delimitadores gráficos e comentários introdutórios; por exemplo, *como o autor disse*, e notas bibliográficas, como se fossem recursos do próprio autor do texto-fonte. Exemplo disso é um trecho no qual a tradutora acrescenta o título *As Aventuras do Barão de Munchhausen* para ilustrar o que seria *Lügendgeschichte* (História de mentiroso):

Wie wäre es mit einer Lügendgeschichte?, dachte Meggie (FUNKE, 2003, p. 25).

Que tal uma história de mentiroso, como *As Aventuras do Barão de Munchhausen*? (FUNKE, 2006, p. 23).

G - Não tradução: ocorre quando se pretende manter o intertexto na língua do pré-texto. Por exemplo, um texto em alemão com uma citação em inglês, seria mantida a citação em língua inglesa. Ou ainda quando o idioma do pré-texto for similar à língua-alvo; por exemplo, uma citação em espanhol em um texto na língua portuguesa.

Isto ocorre principalmente com as referências de nomes de personagens em língua inglesa. Nas citações de nomes de vilões, eles são mantidos em inglês, como o nome "Long John Silver" (FUNKE, 2006, p. 143) do livro *A Ilha do Tesouro*, de Robert L. Stevenson. Neste caso, o nome aparece em *Tintenherz*, assim como é conhecido no livro de Stevenson traduzido para o Brasil.

H - Utilização da citação já traduzida na língua-alvo: é realizada quando há pré-textos traduzidos na língua-alvo. Por exemplo, um texto alemão que utiliza uma citação de outro livro alemão já traduzido no Brasil, o tradutor usa o trecho citado do livro traduzido em português e, depois, acrescentaria, no rodapé, as suas informações bibliográficas. No caso de *Coração de Tinta*, há uma citação de *O Senhor dos Anéis* em forma de epígrafe:

- De qualquer forma, eu gostaria de saber se alguma vez apareceremos em histórias e canções. Estamos numa, é claro, mas quero dizer: ser posto em palavras, sabe, contadas ao pé da lareira ou lidas de um grande livro grosso com letras vermelhas e pretas, anos e anos depois (FUNKE, 2006, p. 382).

O esclarecimento sobre a origem deste intertexto aparece na catalogação do livro: "O trecho do senhor dos anéis na página 382 foi extraído da tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta, publicada pela editora Martins Fontes". Trata-se da única declaração presente no livro sobre o uso do intertexto de um pré-texto traduzido.

I - Substituição por uma remissão intertextual proveniente da literatura da cultura-alvo (adaptação). Isto ocorre quando o tradutor opta por trocar a referência da cultura-fonte por uma da cultura-alvo (ECO, 2007). Neste caso, ele escolhe trazer para o texto-alvo o efeito intertextual semelhante ao texto-fonte. Para atingir este objetivo insere textos que possivelmente façam parte da memória do leitor infantojuvenil da cultura-alvo. Por exemplo, no livro de Cornelia Funke *Tintenherz*, há menção à obra sueca *Pippi Meialonga* de Astrid Lindgren. A tradução poderia trocar esta remissão à personagem sueca por uma brasileira, como

Narizinho do Sítio do Pica-Pau Amarelo (de Lobato), devido às características semelhantes das personagens e ao ambiente onde se desenvolve a narrativa: em ambos os casos, as personagens vivem em um sítio. Não encontramos esta estratégia na tradução *Coração de Tinta*.

J - Exclusão de remissões intertextuais: por meio desta estratégia aventamos a possibilidade de se excluir uma remissão intertextual ou um procedimento, pelo qual uma intertextualidade é empregada no texto pelo autor. Esta estratégia poderia assim se constituir de uma exclusão de notas, referências bibliográficas ou até mesmo do próprio intertexto. Em *Coração de Tinta* (2006), observamos a exclusão das referências bibliográficas listadas por Funke no final da obra. A motivação para tal estratégia pode ter diversas origens, por exemplo, títulos de obras não traduzidas no Brasil, direitos autorais, número de páginas, entre outros.

As estratégias arroladas aqui são apenas ocorrências encontradas em nosso objeto de estudo com o intuito de descrição dos possíveis procedimentos no tratamento de intertextualidade. Lembramos que a diversidade de tipos e formas intertextuais que se encontram em outras obras de LIJ podem fornecer ainda mais possibilidades de tradução das remissões intertextuais, principalmente no que concerne aos recursos paratextuais tão amplamente empregados nos livros destinados às crianças e adolescentes.

Considerações finais

Visto que a intertextualidade compõe cada vez mais a narrativa pós-moderna de livros de LIJ, conforme observado por Kümmerling-Meibauer (2007), entendemos neste estudo que por meio da intertextualidade, a autora Cornelia Funke faz remissões a outros textos exigindo do leitor infantojuvenil um amplo conhecimento literário. Muitas vezes, ela apresenta recursos para que o leitor possa se conectar com o pré-texto ou entender o intertexto. Por isso, a recorrência de intertextos nessa obra, sua forma de emprego e as possíveis estratégias tradutórias constituem um amplo e rico campo de estudos no âmbito tradutológico.

Nesta pesquisa, estudamos as estratégias citadas por Osimo (2004), Eco (2007) e Santos (2009) para a tradução de intertextos, as quais podem ser escolhidas conforme a função e o efeito do intertexto, a projeção do leitor e as orientações dos produtores literários. Outro fator influente na escolha de uma estratégia é o fato do pré-texto ser conhecido na língua-alvo.

Através da separação em dois níveis de estudo, isto é, origem e conteúdo, pudemos observar quais foram as soluções tradutórias dos intertextos em *Coração de Tinta*, de Cornelia Funke. Quanto à origem, poucas vezes recorreu-se a dados já existentes na língua-alvo (estratégia H e I), como citações já traduzidas ou textos da cultura-alvo, ou citou-se a fonte do intertexto (estratégia H). A estratégia, portanto, mais utilizada, neste caso, foi a tradução diretamente a partir dos intertextos na obra *Tintenherz* sem o uso do termo *service translation* (estratégia C). Quanto ao conteúdo, na maioria das vezes não houve acréscimo de informações por meio de notas de rodapé ou explicações dentro da narrativa que pudessem guiar o leitor pelas remissões intertextuais (assim como acontece na versão alemã). Por outro lado, a tradução usou a estratégia de exclusão de remissões intertextuais, pois foram eliminadas as referências bibliográficas (estratégia G). Desta forma, os intertextos foram traduzidos de tal forma, que o leitor é levado a apreender o sentido apenas por meio do conteúdo semântico (estratégia C) dos elementos intertextuais.

Assim, poderíamos inferir que seja pelo não acréscimo de informações, ou pela tradução do intertexto baseada apenas no texto-fonte, o entendimento do texto pelo leitor infantojuvenil possa ser dificultado. No primeiro momento, devido à impossibilidade de retomar textos muitas vezes não disponíveis na própria cultura receptora; e no segundo momento, pela perda das inferências semânticas e do efeito intertextual objetivados pela autora ao inserir o intertexto.

Por fim, a versão brasileira de *Tintenherz* preocupou-se mais em manter uma proximidade semântica com o texto-fonte e menos com o efeito da remissão intertextual. Em outras palavras, a tradução tentou tornar o texto acessível ao leitor principalmente pelo conteúdo semântico. Isso pode estar relacionado com a concepção sobre o leitor infantojuvenil do texto-alvo (talvez um leitor não muito experiente a ponto de reconhecer as referências a outros livros), e com as questões mercadológicas e editoriais.

Referências

ACCÁCIO, Manuela. A. *Literatura Infantil em Tradução Funcionalista com Base no Exemplo de Ein Feuerwerk für den Fuchs*. 2010. 195 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). UFSC, Florianópolis.

AZENHA Jr., João. "A Tradução para Criança e para o Jovem: A prática como base da Reflexão e da Relação Profissional". In: *Revista de Estudos Germânicos*, São Paulo, Vol. 9, pp. 367-392, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução: Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEAUGRANDE, Robert-Alain. A. de; DRESSLER, Wolfgang. U. *Introduction to Text Linguistics*. Londres: Longman, 1981.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation. The Spread Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1997.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa. Experiências de tradução*. Tradução de: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Lincoln. P. *Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study*. 2004. 270 p. Dissertação (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FUNKE, Cornelia. *Tintenherz*. Hamburgo: Cessilie Dressler, 2003.

_____. *Coração de Tinta*. Tradução: Sonali Bertuol. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GENETTE, Gérard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HATIM, Basil; MASON, Ian. *Discourse and the translator*. Londres: Longman, 1990.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. "Variety in genre and styles: tendencies in modern german-speaking children's literature". In: *Bunick*, 199 (2), pp. 10-16, 2007. Disponível em: <<http://www.franko.lviv.ua/faculty/inomov.new/english/119-2.doc>>. Consulta realizada em 11 de agosto de 2011.

NORD, Christiane. *Translating as a purposeful activity: functional approaches explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

OITTINEN, Riitta. *Translating for Children*. Nova Iorque: Garland Publishing, 2000.

OSIMO, Bruno. (2004). "Implicit and explicit intertextuality". Disponível em: <http://courses.logos.it/en/4_33.html>. Consulta realizada em 11 de agosto de 2011.

SANTOS, Neide. (1992). "Literatura infantil brasileira: ecos da pós-modernidade". Disponível em: http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/263/1/v.2%20n.1%201992_10.pdf. Consulta realizada em 11 de agosto de 2011.

SANTOS, Adriana M. *Intertextualidades em tradução: no romance infanto-juvenil Tintenherz*. 2009. 113 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). UFSC, Florianópolis.

SHAVIT, Zohar. "The Ambivalent Status of Texts - A Rejoinder". In: *Poetics Today*, 2:1b, Winter 1980-81, pp. 199-202.

STEVENSON, Robert L. *O Médico e o Monstro*. Tradução: Hildegar Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

TAGNIN, Stella E. O. *O Jeito que a Gente Diz*. São Paulo: Disal Editora, 2005.